

A música como experiência artística nos Anos Iniciais

Juliana Rigon Pedrini
Colégio de Aplicação/UFRGS
pedrini.ju@gmail.com

Comunicação

Resumo: O presente trabalho apresenta brevemente algumas percepções de uma professora sobre as mudanças nas aulas de música que ministrou durante dez anos, nos anos iniciais do Ensino Fundamental de uma escola pública na cidade de Porto Alegre. O relato de experiência apresenta as três fases vividas nesse período: 1. Cumprimento dos objetivos e habilidades tradicionalmente esperados para uma aula de música no currículo escolar; 2. A aula de música como ferramenta de outras disciplinas na tentativa de um projeto interdisciplinar; 3. Experiências artísticas com música, teatro e artes visuais de forma integrada. Sobre a terceira fase, é exposto com maiores detalhes um projeto envolvendo as obras do artista Helio Oiticica, como Penetráveis, Parangolé como disparador das aulas de Artes.

Palavras-chave: aula de música, anos iniciais, interdisciplinaridade.

Introdução

Atuo como professora de música nos anos iniciais do Colégio de Aplicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, desde 2008. Nesses dez anos, minha prática foi sendo aprimorada, algumas crenças deixadas para traz e outras têm se fortalecido dia a dia.

A escola em que atuo conta com outros cinco professores de Música, além de professores das áreas de Artes Visuais e Teatro. Dentre os professores de música, há uma linha de pensamento sobre quais seriam os objetivos de cada etapa, assim como os instrumentos musicais que mais são focados. Vale ressaltar que o currículo precisaria ser revisado com muito mais frequência, mas com o tempo e a convivência, pelo menos cada um tem, dentro da etapa de ensino em que atua, liberdade dentro de alguns limites pré-estabelecidos.

Entretanto, entre as áreas de Artes, nunca houve uma tentativa de conversa sobre os conteúdos e habilidades a serem desenvolvidos com os alunos, nem de forma geral, nem por etapas de ensino. Com o trabalho por etapas, por convivência com o trabalho dos alunos

e dos colegas, na construção coletiva de documentos e decisões para a escola, sabemos como as nossas áreas se interligam e como a Arte é entendida, mas, assim como a área específica de música, também precisaria de atenção para construção de objetivos comuns para nossos alunos.

Na minha prática com os alunos dos anos iniciais, acabaram surgindo projetos interdisciplinares, que foram aumentando sua frequência, especialmente com a área de Artes Visuais e as professoras referência das turmas, as pedagogas. Refletindo sobre isso, as professoras de Artes convidaram as de Línguas Estrangeiras para juntas proporem uma organização de horários das turmas que possibilitasse que essas integrações pudessem ser mais frequentes.

Em três anos de trabalho coletivo no mesmo horário, fomos percebendo que as Artes acabavam por se tornarem instrumento/ferramenta das Línguas Estrangeiras, deixando de lado aqueles conteúdos e habilidades que há anos estava garantido aos alunos.

Chegando ao ano de 2018, proponho esse relato de experiência, contando brevemente as três fases que minhas práticas, como professora dos anos iniciais, passaram, começando pelo cumprimento dos objetivos que pareciam ser necessários de serem alcançados por alunos que têm aula de música no currículo escolar, passando pelo momento de ser apenas acessório de outras áreas e chegando nas atividades musicais que venho desenvolvendo juntamente com as áreas de Teatro e Artes Visuais, focadas nas experiências artísticas dos alunos.

Contexto

Os anos iniciais do Colégio de Aplicação/UFRGS têm cem alunos divididos em cinco turmas, sendo vinte alunos em cada ano. A oferta dos vinte e cinco períodos semanais das crianças é bastante variado, sendo:

- 2 períodos de iniciação científica
- 2 períodos de oficina eletiva
- 14 períodos com a professora de referência, focados em letramento, numeramento, ciências da natureza e sociais

- 7 períodos de aulas com os professores chamados de especialistas: 2 de Educação Física; 2,5 de Línguas Estrangeiras (Inglês e Espanhol); 2,5 de Artes (Artes Visuais, Música e Teatro)

Nesses 2,5 períodos semanais dedicados às Artes, as professoras das três áreas trabalham juntas com os vinte alunos, podendo usar até três ambientes diferenciados, além da sala de aula dos alunos:

- Sala de Artes Visuais: com materiais plásticos, mesas grandes e pias disponíveis;
- Sala de Teatro: com tatames no chão, sem mesas e cadeiras;
- Sala de Música: com oferta de alguns instrumentos e cadeiras.

As professoras pedagogas, pelo contato maior com os alunos, são as professoras-referência, mas todos os professores são responsáveis por atendimento a pais, composição de parecer descritivo ao final de cada trimestre, controle de frequência, entre outros.

Da aula “quadrada”, mas musical, ao tornar-se ferramenta de outra área

Minha dissertação de mestrado, em que enfoquei a aprendizagem na experiência musical narrada por crianças, teve por objetivo compreender os significados atribuídos por crianças às suas aprendizagens musicais. Os participantes do estudo foram três crianças, meus ex-alunos, com idade entre 10 e 11 anos, que tiveram aula de música como uma das disciplinas obrigatórias no currículo escolar. Os resultados responderam às questões: Com quem, onde e como as crianças se relacionam com a música? O que é saber música? Por que ter aula de música na escola?

A música como componente do currículo, até aquele momento da vida dos participantes de minha pesquisa, havia sido ministrado por mim. E, revisando a dissertação, destaco que minhas práticas ajudavam essas crianças a entenderem que: “Saber música é dividido principalmente em saber tocar instrumento, ler partitura ou dominar repertório. As três atividades são reconhecidas no cotidiano escolar das crianças e, provavelmente, influenciam o que elas valorizam”(PEDRINI, 2013, p. 120). Entretanto, quando falam em saber música e desconectam com a escola, parece haver um reconhecimento mais ligado às emoções que vivem com a música, dançando, cantando, conhecendo o repertório que toca nas rádios e na televisão.

Pensando nessas questões, percebo que minha aula era muito mais ligada à um fazer musical diferente do que os que as crianças vivem em seu dia-a-dia.

Pra fugir dessa rigidez, a princípio, as aulas de Línguas Estrangeiras e de Artes foram pensadas para acontecerem juntas, podendo ser uma integração de cinco professores e duas turmas em um mesmo horário. Faço questão de abordar brevemente o ocorrido porque sem perceber, as áreas de Artes acabaram tornando-se apoio das demais.

Como organizar uma aula de música, integrada à inglês, com a temática *família*? *Cantar uma música sobre isso*. E como colocar Artes Visuais e Teatro nisso? *Fazer um cartão para família e montar um teatro, com diálogos em outras línguas, dentro da temática*.

As experiências musicais das crianças, assim como as de Artes Visuais e Teatro, foram pouco a pouco sendo utilizadas apenas como enriquecimento para a aprendizagem de Línguas Estrangeiras. Percebi isso ao me afastar por três meses do Projeto e, ao retornar, ver uma música sendo cantada em espanhol. Quando vi, de fora, que a parte de Música era a de incentivar que os alunos decorassem a letra, a de Teatro era orientar uma coreografia fazendo gestos para as palavras ditas, e a de Artes Visuais era confeccionar cartazes e figurino, dei-me conta de que nenhuma das professoras especialistas nas áreas de Artes era verdadeiramente necessária, afinal, o objetivo era que aprendessem, nesse caso, a letra da música em espanhol.

O início da proposta interdisciplinar

Ao final de 2017, então, em reunião, ficou acordado que as áreas de Artes fariam as atividades interdisciplinares entre si. Queríamos que nossos alunos dos anos iniciais vivessem a arte, aproveitassem suas críticas ainda pouco rígidas para poderem usufruir da criatividade. Porém, fazer isso nas aulas de Música já era difícil, em grupo, parecia ser ainda mais.

Fomos conversando sobre os conceitos e ações que nos uniam, ficamos com som, movimento, imagem, composição, apreciação e prática. Iniciamos com semanas de diagnóstico, umas assistindo as aulas das outras e facilmente foram surgindo as ideias de integração. A primeira proposta coletiva foi uma história criada por nós que foi contada pela professora de teatro, em busca de explorar movimentos. Partimos para o desenho daqueles

cenários que surgiam na história, utilizando técnicas variadas. E usamos essas imagens como partituras de composições musicais instrumentais.

Os alunos ainda demonstravam falta de entendimento na “mistura” das aulas, com perguntas como: “mas hoje não teremos aula de teatro?” Aos poucos, eles se habituaram a nos ver praticamente o tempo todo juntas.

Possibilidade de proporcionar experiências artísticas: Helio Oiticica

Pensamos em partir da obra de um artista brasileiro para servir de disparador de nossas atividades. Apresentamos Helio Oiticica como um artista plástico brasileiro que queria tirar a Arte de dentro do museu e torná-la acessível. Especificamente na aula de música, comecei com uma composição minha, inspirada em “Water Walk”, de John Cage. Utilizei água, colheres, escova de dentes, copos, potes e garrafa. Em uma apresentação bastante encenada, ameacei molhá-los, bebi água, derrubei colheres, em uma composição musical com valorização do som da água e bastante contrastes de intensidade.

As apresentações e conversas sobre ela aconteceram em aulas de 45 minutos, com dez alunos por vez. Apresentei minha composição inédita oito vezes. Os alunos, de 7 a 11 anos de idade, falaram sobre o fazer música sem instrumento musical ou voz, sobre a diferença que fez o fato de estarem vendo ao vivo a apresentação e não por vídeo ou apenas áudio e, juntos, ligamos à proposta do Hélio Oiticica de tirar a arte das quatro paredes e torná-la mais acessível.

Penetráveis

Com a professora de Artes Visuais, os alunos planejaram e executaram dois penetráveis, obras de arte em que o público entra e sente com o corpo. Na aula de música, puderam compor com a água e os objetos que utilizei na minha apresentação para eles. Foi uma experiência diferente das demais que já tive com composição. Os alunos se preocuparam em apresentar elementos que surpreendessem o ouvinte, mas foram poucos os que acabaram não usando colheres e copos como usariam baquetas e tambores. Alguns grupos, durante a apresentação de suas peças, se preocuparam em prender a atenção da plateia com performance de atores.

Em uma aula em que estive com a professora de Teatro, usamos um pano branco cobrindo os alunos e andamos pela escola. Chamamos a atividade de *casulo*. O objetivo era ver o mundo e ser visto de jeitos diferentes. Comparamos também com a proposta da composição musical com a água e com o penetrável, que ao ser colocado em exposição serviu de fundo para *selfies* de alunos mais velhos, gerando para os alunos dos anos iniciais uma nova maneira de serem vistos.

Parangolés

Hélio Oiticica também criou Parangolés, obras de arte para serem vestidas. Para o artista, a obra fora do corpo do público não faz sentido, precisa do movimento para que a obra exista. Pensando nisso e na experiência do casulo, em Teatro, os alunos experimentaram movimentos corporais variados com tecidos. Para enriquecer tal experiência, os alunos puderam prender instrumentos musicais e objetos no corpo e testaram movimentos variados para produzir sons: egg shaker na canela, tampinha de refrigerante colado na sola do sapato, meia-lua amarrada na cintura para trás e colheres presas na altura da barriga.

Metaesquemas

Os metaesquemas são imagens que o artista que escolhemos criou usando padrões e repetições. Após falarmos sobre isso, os alunos fizeram composições musicais pensando em padrões, retomando os parâmetros do som e a ideia de elemento surpresa vista na composição da água. O trabalho dos metaesquemas continua, uma vez que os alunos criaram seus próprios metaesquemas, tendo que escolher como ficaria o som para cada imagem colocada em um quadro e isso tornou-se partitura.

Repertório

Cada vez que planejávamos as atividades dos alunos, lembrávamos de produções de artistas que admiramos ou conhecemos ao longo de nossas vidas. Resolvemos dedicar uma aula a ver vídeos com os alunos e gerar conversas e repertório para atividades futuras.

Dentre o que foi apresentado, destaco:

• Sapateado: irlandês, flamenco, americano. Os alunos foram observando a diferença do uso do corpo entre os tipos de sapateado, compararam com a atividade em que experimentaram uma tampinha de garrafa presa ao sapato, assim como a roupa dos bailarinos.

• Water walk (John Cage) e Stomp (com água). Quando os alunos puderam compor com água, conversamos sobre como tiveram dificuldade de fugir do que já estão habituados a fazer com os instrumentos tradicionais. Nesses dois vídeos, pudemos discutir sobre a água como um elemento usado de formas completamente diferentes para fazer música, assim como a atuação dos artistas nos vídeos.

Discussão

Recentemente estive no 4º Seminário Diversidade, Educação e Cidadania, no Instituto de Educação, da Universidade de Lisboa, em Portugal. O tema do evento foi “O tempo da Criança”. Falei sobre minha dissertação em uma comunicação oral, focando no que era possível identificar a música como demarcadora do tempo pelas crianças. Na discussão, as pessoas destacaram que a música da mídia aparecia ainda muito forte nos relatos das crianças, mesmo essas tendo tido música na escola.

Preciso ainda refletir sobre isso, visitar minha dissertação, mas já aponto aqui dois caminhos que penso serem importantes de serem pensados. Primeiramente, a criança sendo vista como um sujeito fácil de ser convencido pela mídia, em detrimento ao que é aprendido na escola. Na dissertação, ainda pude observar que também através das mídias, as crianças se relacionam com seus amigos, colegas e familiares. Proponho que pensemos na sociedade como um todo, preferencialmente focando nos adultos, que tipo de ensino consegue ser mais forte do que é proposto pela mídia? Será que as crianças são alvo fácil, a escola fraca ou esse pensamento só é visto de um lado?

E, em segundo plano, o que se espera de uma criança que tem aula de música, ou de arte em geral, na escola? Os participantes de minha pesquisa

consideram que a aula de música é necessária, tendo em vista que [a escola] é um espaço democrático de ensino e pelo fato de que se tem acesso ao que não seria possível fora dela. A escola, assim como o cinema e a televisão, serve de inspiração para as crianças (PEDRINI, 2013, p.121).

Na primeira tentativa interdisciplinar, cumpro com mais objetivos do que no período em que a música serviu de instrumento para outras áreas de conhecimento, mas ainda desconectada do fazer musical como experiência artística.

Pensando que as crianças são ativas no ambiente em que vivem, são protagonistas, têm preferências, tomam iniciativa, aprendem por si mesmas, compreendem os adultos e marcam seu espaço, pude analisar as faces do meu fazer como professora. No momento em que me encontro hoje, com meus alunos, percebo que tenho dado mais oportunidades para os alunos viverem a arte que envolve a nossa área de conhecimento, juntamente com artes visuais e teatro. “O modo como as crianças compreendem música mostra que música se faz, dançando, cantando, lendo, ouvindo ou tocando. [...] A música ajuda a ser quem se é” (PEDRINI, 2013, p.121).

Referências

PEDRINI, Juliana Rigon. **Sobre aprendizagem musical:** um estudo de narrativas de crianças 2013, 131f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.